

Educação: basta que o indivíduo funcione?

José João Neves Barbosa Vicente

Parece que nossos educadores perderam o rumo: o indivíduo não é mais julgado pelo seu pensamento e nem seus conhecimentos são apreciados em virtude do domínio sobre eles.

O lema é submeter o indivíduo ao conformismo pedagógico. O fim é comandado pelo processo e os resultados particulares alcançados, como disse Dewey em *My Pedagogic Creed*, só têm um valor último na medida em que são utilizados para enriquecer e ordenar o processo em curso. Uma educação nestes termos, não considera o homem em sua humanidade, ou como dizia Kant em *Über Pädagogik*, (1999), em "seu fim último", simplesmente fabrica indivíduos privados de qualquer horizonte de significação. O sentido que eles descobrem lendo um livro de Platão, por exemplo, e indo além deste livro ao refletirem sobre seus próprios pensamentos escapa a essa educação procedimental, que não permite apreciar o pensamento dos indivíduos nem enriquecer seus conhecimentos, pois eles encontram-se completamente instrumentalizados por procedimentos analíticos que dizem respeito a objetivos determinados. Esse tipo de educação tende, forçosamente, a encerrar os indivíduos em uma instrumentalização que apenas conhece as regras internas de seu funcionamento.

O próprio de uma função, mesmo qualificada de pedagógica, é funcionar. Mas, o funcionamento não substitui, de forma alguma, o pensamento no indivíduo como muito bem mostrou Arendt em *Eichmann in Jerusalem* após assistir o julgamento de Eichmann. Este criminoso de guerra, segundo Arendt, nunca tomou consciência dos seus atos para pensá-los como maus, pois nunca os captou sob uma luz diferente da sua. Ele era o elo inconsciente de uma gestão diabólica composta por engrenagens contínuas de ordens, regras e procedimentos que não tinha outro fim senão a morte. Somente o pensamento tem o poder de interromper um processo e estabelecer ruptura numa rede tecida de desejos e carências, necessidade e submissão, que é o fluxo contínuo da vida.

Pensar, portanto, não é funcionar conduzindo sua ação segundo uma série de procedimentos previamente definidos. A educação funcional como é praticada por muitos educadores, comandada por um jogo de procedimentos sociais, econômicos e políticos que se introduzem na escola sob a máscara da pedagogia, permanece alheia ao tempo próprio do pensamento. O indivíduo não tem abertura para aquilo que o ultrapassa, pois encontra-se privado de todo fim e de todo o sentido que, doravante, encontram-se reduzidos a uma série de objetivos a serem realizados seguindo-se cegamente os procedimentos corretos. Não se pode aceitar uma proposta educativa cujo foco é perpetuar a autoridade da instituição e a autoridade do educador. Como disse Holt em *Parents et maîtres devant l'échec scolaire*, não podemos ministrar um verdadeiro ensino na escola enquanto pensarmos que é nosso dever e nosso direito impor aos outros o que eles devem aprender.

A educação deve permitir ao indivíduo elevar-se em direção à ideia de homem. Em Roma, por exemplo, no dia do *dies lustricus*, o pai segurava o filho no alto para simbolizar a sua intenção de educá-lo para fazer dele um homem. Educação, portanto, não era entendida como procedimentos didáticos e pedagógicos anteriormente determinados para atingir um fim específico, mas uma elevação de ordem espiritual em direção a um fim transcendente. Educação é uma orientação que permite a cada um de nós encontrar o lugar certo no mundo. A *Paidéia* grega, também, não possuía vínculo com procedimentos pedagógicos. Não possuía vínculos com objetivos administrativos, com necessidades da demanda social. Ela tinha tudo a ver com o tempo livre da *skholé*, permitindo ao pensamento afastar-se das preocupações da existência. *Skholé* significa, etimologicamente, como muito bem sublinhou Mattéi em *La barbarie intérieure. Essai sur l'immonde moderne*, a "parada", o "repouso" e, conseqüentemente, o "ócio", essa pausa que permite ao homem não estar mais submetido à urgência da vida cotidiana, e sim levar tempo. a ocupação do homem ocioso, o segundo sentido do termo *skholé*, não quer dizer uma ociosidade vazia, mas a plenitude de uma reflexão estudiosa. Educação, portanto, não pode perder de vista a sua origem presente no ócio; isto é, quando a alma leva tempo para pensar. O homem, como disse Kant em *Über Pädagogik*, é o único ser que precisa ser educado, mas sua educação deve permiti-lo submeter-se às prescrições da razão; ela deve ser medida pela grandeza da ideia que impõe

ao homem que ele seja sempre o fim último para si mesmo. Não é correto que ele seja treinado ou instruído mecanicamente, importa sim, que ele aprenda a pensar. Para isso, a escola deve ser um lugar onde o homem acede lentamente à sua humanidade, isto é, um lugar natural do pensamento.

(José João Neves Barbosa Vicente, filósofo, professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e editor da GRIOT – Revista de Filosofia)

Fonte: Diário da Manhã [Portal]. Disponível em:

<<http://dm.com.br/texto/107929-educao-basta-que-o-indivduo-funcione>>.

Acesso em: 19 abr. 2013.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.